

A DIFICULDADE DOS ALUNOS NA COMPREENSÃO DA GRAMÁTICA TRADICIONAL NA 8ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL NO COLÉGIO AMERICANO BATISTA

ALMEIDA, Rose Anne Santos.
roseanne85@msn.com

OLIVEIRA, Nádia Maria de.
Graduada em Licenciatura Plena Português, Especialista em Tecnologia Educacional, Profª do Curso de Letras – Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
nadiamot@bol.com.br

RESUMO:

O artigo científico que aqui se refere consiste em analisar a compreensão dos alunos da 8ª série do ensino fundamental na disciplina Língua Portuguesa em sala de aula com relação aos estudos feitos através da gramática tradicional visando o bom entendimento dos alunos em relação à disciplina, mostrando as várias maneiras que o professor pode trabalhar os assuntos gramaticais de forma mais dinâmica e com a utilização de textos entre outros recursos.

Apresenta um estudo de caso na 8ª série em relação ao ensino de língua portuguesa. Este caso foi estudado e analisado através da observação feita em algumas aulas e do resultado obtido por meio de um questionário aplicado aos alunos e a professora desta disciplina e série. Teve como objetivo perceber o estudo da disciplina referida na prática. Notando-se que a professora tem a base do ensino tradicional com alguns momentos com atividades inovadoras percebidas na sala.

O ensino de gramática tem a sua importância dentro do ensino de Língua Portuguesa. Entretanto, a gramática deve ser utilizada como forma de um recurso entre outros que precisam ser usados em sala de aula e para que o estudante possa adquirir uma melhor competência comunicativa, ou seja, capacidade de usar cada vez mais recursos da língua de forma adequada a cada situação de interação comunicativa.

A DIFICULDADE DOS ALUNOS NA COMPREENSÃO DA GRAMÁTICA TRADICIONAL NA 8ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL NO COLÉGIO AMERICANO BATISTA

Nota-se que o aluno, na maioria das vezes não gosta de estudar Português devido à metodologia que é usada em sala de aula, já que é dada grande importância do estudo desta disciplina ao estudo da gramática tradicional, esquecendo-se dos outros tipos de gramáticas como a descritiva e a reflexiva; e que o ensino da Língua Portuguesa ocorre através da interação do estudo da língua oral e da escrita por meio de textos.

Uma importante observação a ser feita é que geralmente são mostradas as classificações, as regras e os exemplos dos elementos contidos na gramática. Deixando desta forma de lado, a importância do aprendizado em saber como e para quê são utilizadas as regras gramaticais.

O tema foi escolhido a partir da percepção de que os alunos têm um certo receio em estudar a disciplina Português, pois acham que não sabem a língua e só estudam esta matéria através de regras da gramática tradicional. A partir daí surgiu uma certa curiosidade de estudar mais sobre as dificuldades que os alunos apresentam com tal disciplina devido à falta de compreensão e de motivação pelo estudo da mesma.

Segundo Antunes (2003), a Língua Portuguesa é observada muitas vezes como uma disciplina muito difícil pelos alunos. Uma vez que, muitos destes sofrem grandes problemas com a leitura que é a base de entendimento para qualquer conhecimento formal (em sala de aula) e informal (nos acontecimentos do dia-a-dia), desta maneira sentem aversão à matéria e dizem que “não sabem Português”.

Entretanto, o ensino de Língua Portuguesa não pode ser apenas trabalhado com base na Gramática Tradicional, como acontece hoje em sala de aula em diversas vezes. Deve ser explorada a gramática tradicional com a relação da produção textual no objetivo do entendimento da língua oral e escrita. Os PCNs (2003) estabelecem que os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o do uso da língua oral e escrita e o da reflexão acerca desses usos.

Toda vez que se fala em gramática é necessário especificar-se muito claramente de que é que se está falando, exatamente. É possível ir desde a idéia de gramática como “mecanismo geral que organiza as línguas” até a idéia de gramática como “disciplina”, e, neste último caso, não se pode ficar num conceito único, sendo necessária uma incursão por múltiplas noções, já que são múltiplos os tipos de “lições” que uma gramática da língua pode fornecer: no modelo normativo puro, a gramática como o conjunto de regras que o usuário deve aprender para falar e escrever corretamente a língua; no modelo descritivo ou expositivo, a gramática como conjunto que descreve os fatos das formas e estruturas de uma língua; no modelo gerativo, a gramática como o sistema de regras que o falante aciona intuitivamente ao falar ou entender sua língua; e assim por diante.

A gramática tradicional trabalha restritamente em apoiar os acertos e os erros dos falantes. Trata a língua, no estreito em falar e escrever bem na norma culta, não importando o trabalho que o falante deve ter em formular a sua maneira de expressão oral e escrita. A maioria dos exemplos vistos na gramática tradicional são exemplos fora da realidade dos leitores que utilizam daquela gramática e dos textos abordados. De acordo com Irandé Antunes:

Uma gramática predominantemente prescritiva, preocupada apenas com marcar o “certo” e o “errado”, dicotomicamente extremados, como se falar e escrever corretamente, não importando o que se diz, como se diz, quando se diz e se tem algo a dizer. Por essa gramática, professores

e alunos vêem a língua pelo prisma da correção e, o que é pior, deixam de ver outros muitíssimos fatos e aspectos lingüísticos (os fatos textuais e discursivos, por exemplo), realmente relevantes.(Antunes 2003, p.33)

A gramática tradicional é ainda hoje a máxima fonte de inspiração doutrinária para o ensino da língua portuguesa no Brasil, repousa até hoje em bases epistemológicas que remontam a uma fase da história do conhecimento humano anterior ao que se convencionou chamar de “inícios da cidade moderna”. Tal gramática passou ileso pela revolução promovida por Copérnico, Galileu, Kepler, Newton e outros cientistas que, entre os séculos XVI e XVII, fizeram ruir concepções de homem, de natureza e de cosmos que haviam dominado o mundo ocidental durante quase dois milênios.

Conforme Bagno (2000), a gramática tradicional ajudou bastante à investigação dos fenômenos lingüísticos, sobretudo em suas estreitas ligações com a Filosofia. E apesar de todas, as propostas terminológicas nascidas durante este século e das revisões conceituais a que foi submetida, a nomenclatura gramatical clássica ainda dá provas de grande vigor e utilidade.

Assim sendo, a definição da GT seria a de doutrina composta por dogmas a serem aceitos como verdades incontestáveis e não de leis empiricamente testáveis, sujeitas à comprovação ou à refutação. A gramática tradicional é um instrumento, um dos muitos, de legitimação das classes dominantes no poder.

Muitos gramáticos tradicionalistas se recusam a aceitar as propostas de abordagem do fenômeno da linguagem feitas pela Lingüística: são propostas que lançam dúvidas sobre a validade do discurso gramatical tradicional, que deixam à mostra as inconsistências desse discurso.

A GT é toda fundamentalmente aristotélica, seus defensores até hoje recusam olhar para a realidade dos fatos, não aceitam o convite para “acreditar em seus olhos” e jamais admitiram

que “é preciso escrever manuais novos”. Possuir a “Gramática” como um meio para “disciplinar a linguagem e atingir a forma ideal da expressão oral e escrita” é uma declaração de princípios ideológicos e anticientíficos tão bem enunciada que dispensa comentário.

Tendo a consciência de que o ensino de Língua Portuguesa acontece por meios de textos e de gramática, pode-se comentar a importância que esta gramática contém perante o estudo da língua referida.

Segundo Mário Perini (2004), a gramática tem sua devida importância. O autor discute no seu livro Gramática Descritiva do Português sobre os objetivos do ensino de gramática e divide este estudo em três partes:

- Componente de aplicação imediata: onde mostra que se o ensino de gramática juntamente com o desenvolvimento da leitura e da escrita for rejeitado, o ensino desta língua sofrerá um pouco na aprendizagem em sala de aula. Por exemplo, o aluno está lendo um texto e encontra uma palavra desconhecida no seu vocabulário e tem o desejo de olhar este vocábulo no dicionário, digamos que a palavra seja **regurgitássemos** esta palavra não se encontra no dicionário. No dicionário este termo está grafado como **regurgitar** e também **regurgitação**. E neste caso o aluno deverá ter o conhecimento gramatical imediato de que a palavra em destaque se trata de um verbo.

- Componente cultural: apresenta que as diversas informações científicas em sala de aula, como nas aulas de Geografia, História e Ciência deveriam ser utilizadas também nas aulas de Língua Portuguesa, já que a presença de uma formação lingüística em geral é defensável no ensino de primeiro e segundo graus exatamente pelas mesmas razões que justificam a preocupação de dar aos alunos alguma formação em Química, Biologia ou História.

Perini (2004) coloca para pensar que se deve estudar a Língua Portuguesa nas suas várias diretrizes: dialetológicos, históricos, sociais e também gramaticais. Pode-se afirmar com a seguinte citação:

Além disso, o conhecimento da língua – e falo aqui do conhecimento explicitado de sua estrutura, não apenas do seu uso correto - é uma faceta importante do conhecimento da própria nação. Assim como a necessidade de preservar nossa cultura (e o amor-próprio nacional) nos leva a estudar a história, a geografia e o folclore do Brasil, não podemos deixar de estudar a língua que falamos (e a que escrevemos), em seus muitos aspectos: dialetológicos, históricos, sociais e também gramaticais. Sem estender-me mais sobre esse vasto e mal explorado assunto, chamo a atenção do leitor para esse importante aspecto do ensino. (PERINI, 2004. p.30)

- Componente de formação de habilidades: Perini aborda a questão para a formação de habilidades de raciocínio e testagem de hipóteses, que são um pré-requisito à formação de indivíduos de aprender por si mesmos, criticar o que aprendem e criar conhecimento novo e é neste quesito que o estudo de gramática pode dar sua contribuição mais relevante. É nesse aspecto que nosso sistema educacional se tem apresentado particularmente falha.

Segundo Perini (2004), o estudante brasileiro (e muitas vezes, também o professor) é tipicamente dependente, submisso à autoridade acadêmica, convencido de que a verdade se encontra pronta e acaba, nos livros e na cabeça das sumidades. Daí, em parte, a perniciosa idéia de que educação é antes de tudo transmissão de conhecimento – quando deveria ser, em primeiro lugar, procura de conhecimento e desenvolvimento de habilidades.

O estudo de gramática pode ser um instrumento para exercitar o raciocínio e a observação; pode dar a oportunidade de formular e testar hipóteses; e pode levar à descoberta de fatias dessa admirável e complexa estrutura que é uma língua natural. O aluno pode sentir que está participando desse ato de descoberta, através de sua contribuição à discussão, ao argumento, à procura de novos exemplos e contra-exemplos cruciais para a testagem de uma hipótese dada.

Perini afirma que a grande contribuição que o ensino gramatical reside é na possibilidade de ajudar o desenvolvimento das habilidades mencionadas; ou seja, este ensino pode ser um dos meios pelos quais os alunos crescerão e se libertarão intelectualmente.

O ensino normativo não é um mal em si, mas tem sido aplicado de forma prejudicial aos alunos. Já que o ensino de Língua Portuguesa atualmente está mais voltado para o ensino gramatical, colocando este recurso como sendo o único a ser utilizado em sala de aula, esquecendo dos outros recursos que podem ser utilizados. Atualmente a aula de Português está muito direcionada a corrigir os erros de algumas impropriedades lingüísticas dos alunos. E desta forma, o que mais acontece é ser escutada a expressão do professor: “Isso não é português”. Assim, os alunos sentem a má empolgação para estudar o Português sentindo-se inferior às pessoas que são ditas como cultas. Ainda acontece a produção de livros especializados em mostrar os diversos “erros de português”, onde surgem livros comerciais de Língua Portuguesa e a cada dia que passa este ramo cresce no país. Com tal maneira, a importância desta língua está se resumindo em corrigir “os erros gramaticais” apresentados pelos alunos. Como pode ser afirmado na seguinte citação:

O grande perigo é transformar a gramática – uma disciplina já em si um tanto difícil – em uma doutrina absolutista, dirigida mais ou menos exclusivamente à “correção” de pretensas impropriedades lingüísticas dos alunos. A cada passo, o aluno que procura escrever encontra essa arma apontada contra sua cabeça: “Não é assim que se escreve (ou se fala)”, “Isso não é português” e assim por diante. (PERINI, 2004. p.33)

Percebe-se através de alguns textos de estudiosos que a gramática não é um caminho conveniente para desenvolver o desempenho na leitura e na escrita e muito menos na fala. E a gramática não deveria ser um instrumento de ensino normativo.

Diante dessa situação, o ensino de Língua Portuguesa se restringe ao ensino de gramática, os alunos se desmotivam a qualquer iniciativa no campo da linguagem, principalmente

no da escrita. Até um adulto bem-educado, com formação profissional e intelectual adequado, e que teria algo a dizer, mas que não se arrisca a escrever uma página para publicação justamente porque “não sabe português”. O professor de português tem diante de si um desafio, de ir contra essa tradição repressiva, que deforma a imagem da Língua Portuguesa perante os olhos dos alunos. Essa imagem repressiva se manifesta a todo momento, por exemplo quando, ao saberem que os professores trabalham com pesquisa na disciplina discutida, sempre acabam perguntando se esta ou aquela construção é a “certa”; mas não ajuda para que estimem os professores e nem respeitem enquanto trabalhadores intelectuais.

O gramático Mário Perini (2004) afirma que o ensino normativo não deve ser suprimido. É preciso colocá-lo em termos mais realistas. Não se trata de confrontar um “português certo” e um “português errado”, definidos ambos em termos absolutos, independentes do contexto situacional ou social. Trata-se de defender a idéia de que cada situação corresponde a uma variedade distinta da língua.

Tendo a consciência de que na língua existem variedades lingüísticas, pode-se relacionar ao fato de que, como ocorre nas normas sociais, nas normas lingüísticas também há diversificação, constituindo cada norma um fator de identificação de cada grupo, ou comunidade. As diversas normas em contato se interpretam, e isso constitui uma contraparte da assunção de que a língua é um conjunto de variantes. Afinal, a admissão da existência de norma nas comunidades lingüísticas não legitima uma condução do trabalho escolar com a língua pátria que admita preconceito e sustente discriminação. Entretanto, não pode ser esquecido o fato de que o mesmo perigo é oferecido pelo próprio reconhecimento de variação lingüística, se nesse reconhecimento se abrigar valorização.

Segundo Moura Neves (2004), um **padrão lingüístico** que se proponha fora da observação dos usos não constitui um padrão real. Um manual de gramática não pode cingir-se à descrição de um padrão ideal irreal, e, portanto de estatuto ilegítimo. É aí que fica instaurado o grande problema a ser equacionado. Se nos contentarmos com entender que a língua-padrão deve ser estabelecida pelas regras manuais de gramática tradicionais, teremos de perguntarmos como foram estabelecidas tais regras.

Com o desenvolvimento da leitura fluente e do hábito da leitura, a maior parte do problema acaba desaparecendo por si só. O que resta poderá ser objeto de ensino, mas sempre deixando bem explícito o verdadeiro do padrão escrito frente às variedades coloquiais. Observe o seguinte fragmento: “Concordo, portanto, que é necessário ensinar o português padrão; mas esse ensino (o “ensino normativo” da língua) deve ser atacado com muita cautela e com toda diplomacia. Como qualquer material potencialmente explosivo, deve ser manejado com cuidado”. (PERINI, 2004, p.34)

Objetivando a compreensão do estudo de caso deste artigo científico, foi realizada, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica e documental em livros, internet etc., com o propósito de contribuir com os pressupostos teóricos do artigo.

Na análise bibliográfica e documental, aconteceu uma revisão de literatura utilizando-se, nessa fase, obras referentes aos clássicos que tratam do assunto; já na segunda fase, houve obras mais modernas dos tempos atuais, tentando assim comparar o passado e o presente, observando as transformações e semelhanças de conceitos e de concepções dos autores, pois cada autor demonstra sua opinião de um determinado assunto de forma peculiar.

Existiu uma pesquisa de campo, no Colégio Americano Batista, da rede privada da cidade de Aracaju. Foram aplicados questionários com perguntas fechadas e abertas aos 40 alunos da 8ª série e à professora da disciplina Língua Portuguesa desta mesma série.

Após a coleta de dados foram feitas tabulação e análise dos dados obtidos nos questionários com representação gráfica do fenômeno através de tabelas e quadros comparativos.

A pesquisa ocorreu de maneira planejada a partir do método dialético, verificando as contradições existentes dentro do fenômeno, buscando assim melhorias para o ensino de Língua Portuguesa nas escolas. Utilizou-se também o método estatístico e comparativo, pois estes visam uma observação mais precisa sobre o fenômeno que ocorreu nesta disciplina em sala de aula.

- Análise do Questionário com os Alunos:

Questão 1: Em sala de aula, a professora trabalhar com:

70%	Livros, apostilas, vídeo, música, quadro branco e livros para-didáticos
30%	Livros, quadro branco, livros para-didáticos

Percebe-se que a professora trabalha com os materiais do ensino tradicionalista, como: o quadro branco, livros e para-didáticos; utilizando também instrumentos que dinamizam uma aula através de vídeo e música. Continua sendo um ensino tradicional, mas já havendo um traço de inovação em sala de aula.

Questão 2: Por semana, vocês têm:

70%	Mais aula de português que aulas de redação.
20%	Aulas de português separadas das aulas de redação.
10%	Aula de português junta das aulas de redação.

É notado mais número de aulas de português do que aula de redação. E que essas aulas de redação, na maioria das vezes, acontecem separadamente das aulas de português. Comprovando um ensino que se preocupa mais com aula de português, no caso gramática normativa do que de redação que há anos não muda essa visão tradicionalista.

Questão 3: A gramática nas aulas de português:

70%	É usada constantemente.
25%	É usada raramente.
5%	É usada juntamente com textos.

Observa-se que a gramática nesta sala de aula é usada com muita frequência, o que mais uma vez nos leva a afirmar o pensamento do ensino tradicional que ocorre em sala de aula. Mesmo utilizando alguns instrumentos que inovam o ensino, a gramática é uma das fontes de ensino para o professor.

Questão 4: Nas aulas de português, o texto é utilizado:

92%	Com muita freqüência.
8%	Com pouca freqüência.

Nesta sala de aula, o texto é usado com muita freqüência. Entretanto, ele é utilizado juntamente com os assuntos gramaticais, que têm a parte de interpretação de texto e depois existem algumas questões a respeito do assunto gramatical que ali está abordado. Assim, o texto é utilizado como pretexto para o ensino da gramática normativa.

Questão 5: As aulas de redação são feitas:

100%	Individual e em sala de aula
------	------------------------------

Com esta maneira, nota-se que as aulas de redação da turma onde houve a observação, acontece de forma individual e na sala de aula, podendo assim concretizar que essas aulas são tradicionais e não visam a forma coletiva nas aulas de redação.

Depois de analisar o questionário feito na sala observada na escola particular na 8ª série, pode-se notar que a professora trabalha com algumas inovações dentro do ensino de Língua Portuguesa, mesmo tendo, sua maior base que é o ensino de gramática, já que o ensino de Português no Brasil é fundamentado na gramática normativa.

A partir das observações feitas dentro da sala de aula, percebeu-se que os alunos gostam mais das aulas de Português em que acontecem à explanação do conteúdo programático juntamente com palavras – cruzadas, competição com os assuntos gramaticais utilizando construções frasais.

Os alunos também demonstram como resposta no questionário, que as aulas de português deveriam ser mais dinâmicas, ou seja, onde eles pudessem participar mais dando suas opiniões, levantando e resolvendo suas questões indagadoras sobre a Língua Portuguesa.

Observou-se também que quando a aula era feita somente com o estudo da gramática, os alunos ficavam muito dispersos nas atividades propostas, não tendo muita motivação para participar de tais tarefas programadas em sala de aula.

A partir das aulas que foram observadas, a professora pré-determina o que serão feitos e utilizados em cada aula. Nesta sala de aula, possui cinco aulas semanais.

Quando foi realizado um ditado de palavras, com o objetivo de observar o conhecimento da grafia dos vocábulos, os alunos escreveram as palavras no caderno. A professora fez uma competição entre os meninos e as meninas no quadro, para saber como eles escreveram as palavras e se estavam grafadas corretamente. Desta maneira, pôde notar onde erraram e como era escrito de maneira correta. Os estudantes se mostraram empolgados e interessados com a tarefa. A professora colocou todas as palavras que participaram do ditado escritas no quadro. E depois, ela pediu que eles colocassem os sinônimos de algumas das palavras do referido ditado; justificativas de acentuação de outras palavras; e que produzissem um período utilizando outros vocábulos. Nessa atividade a professora mostrou um pouco mais do ensino dinâmico, desligando-se do ensino tradicional.

Usou-se o livro didático que contém assuntos: de redação; tendo produção textual; de gramática; tem textos, onde o autor trabalha com assuntos gramaticais nos exercícios. Os textos utilizados são letras de músicas, com notícia de jornal e poemas. Literatura é trabalhada através de estudo de romances. O livro didático utilizado adota um ensino que possui algumas inovações.

Numa aula teve uma análise sintática de um período simples. Observou-se que os alunos se queixam das regras que estão contidas na gramática tradicional. E logo não têm paciência com o assunto dado, eles soltam o discurso: “Estudar Português é muito complicado”. Prevalecendo o ensino tradicionalista.

Houve a correção do exercício proposto da gramática de maneira oral tendo a participação dos alunos. Quando a professora não fica observando se todos os alunos estão fazendo as tarefas e as corrige, somente alguns têm o compromisso de resolver tais tarefas.

Na aula de redação se discutiu sobre O Referendo 2005: A proibição da venda de porte de armas. Com este tema foi proposto que os alunos expressassem suas opiniões por meio de um texto dissertativo. Alguns alunos se interessaram com a atividade, já outros ficaram bem dispersos fazendo outras coisas que não tinha nada a ver com a tarefa exposta.

Numa aula através de palavras-cruzadas, que teve por objetivo aprimorar o vocabulário dos alunos, fazendo com que este se sentisse à vontade de raciocinar sobre tais assuntos expostos na revista. Nestas atividades, os estudantes se mostraram interessados e envolvidos. Este exercício também ajudam os alunos a descansarem um pouco do estudo diretamente da gramática tradicional, ou seja, das regras gramaticais, sabendo, claro, que precisam ter o conhecimento, mesmo pouco da gramática, para realizar tal atividade. Neste momento, o ensino adotado pela professora foi com inovações e teve uma forma divertida de aprendizagem.

Com isso, notou-se que o estudo de Língua Portuguesa nesta sala de aula acontece com alguns métodos dinâmicos e diferentes do convencional, mas ainda tem sua base fortalecida pelo estudo gramatical, obedecendo à política atual da educação, o ensino tradicionalista do Português.

A partir dos problemas apresentados, neste artigo científico, pôde-se concluir que para aprender a língua, seja de forma sistemática no convívio social, seja de forma em sala de aula,

implica sempre reflexão sobre a linguagem, formulação de hipóteses e verificação do aceite ou não dessas hipóteses sobre a constituição o funcionamento da língua. Isto pode ser observado através da seguinte citação: “Quando nos envolvemos em situações de interação há sempre reflexão (explícita ou não e neste caso automática) sobre a língua, pois temos de fazer corresponder nossas palavras às do outro para nos fazer entender e para entender o outro” (cf. Geraldi, 1993:17).

Segundo Travaglia (2003), o estudo da Língua Portuguesa acontece por meio de alguns aspectos como: o objetivo de ensino de língua materna é prioritariamente desenvolver a competência comunicativa; a linguagem é uma forma de interação; o texto é um conjunto de marcas, que funcionam como instruções para o estabelecimento de efeitos de sentido numa interação comunicativa; o domínio da linguagem exige alguma forma de reflexão.

Moura Neves (2004) apresenta uma proposta para uma gramática escolar que as assunções de tensões como as que se manifestam entre uso e norma-padrão, entre modalidade falada e modalidade escrita de língua, entre descrição e prescrição, tidas popularmente como óbices a um bom tratamento da gramática na escola, pelo contrário são ingredientes da consideração do tratamento escolar da linguagem, porque pertencem à essência das línguas naturais. A tensão entre certo e errado, porém, popularmente eleita como carro-chefe da condução da preocupação com a língua nativa, não tem fundamento e não tem papel num trabalho com a linguagem cientificamente fundamentado.

Travaglia (2003) propõe-se que o ensino de gramática seja basicamente voltado para uma gramática de uso e para uma gramática reflexiva com o auxílio de um pouco de gramática teórica e normativa, mas tendo sempre em mente a questão da interação numa situação específica de comunicação e ainda o que faz da seqüência lingüística num texto que é exatamente a

possibilidade de estabelecer um efeito de sentido, uma unidade de sentido para o texto como todo.

Ao ensinar gramática pode ser trabalhada com quatro formas de focalizá-la no ensino que são as seguintes: uma **gramática de uso** desenvolve-se um trabalho que se liga mais ao conhecimento da língua e, no caso das **gramáticas reflexiva e teórica**, tem-se um trabalho mais preocupado com o conhecimento sobre a língua.

Segundo Soares (1979: cap.9), a distinção entre gramática teórica e gramática de uso pode ser deixada de lado, enquanto forma de excluir esta ou aquela das atividades de sala de aula. Tendo em vista que o trabalho com as quatro formas de focalizar a gramáticas referidas acima não precisa ser dividida para uma mesma turma em qualquer grau ou série. O que vai determinar isso é o conteúdo com que se trabalha, as condições dos alunos, o objetivo, o tempo disponível e outros fatores que o professor julgar pertinentes no trabalho que está desenvolvendo.

Desta forma, o mesmo professor, com a mesma turma, e num só conteúdo pode desenvolver atividades de gramática de uso, reflexiva, teórica ou normativa, dosando cada uma de forma a atingir com eficiência o objetivo pretendido.

Travaglia (2003) aponta uma proposta de ensino da língua portuguesa, com base: no ensino descritivo (utilizando a teoria gramatical elaborada nas gramáticas descritivas) que serve à consecução do objetivo de levar ao conhecimento da instituição social que a língua é. Assim, no que diz respeito ao desenvolvimento da competência comunicativa a descrição não será um fim em si, mas um meio, um instrumento para auxiliar o desenvolvimento da competência comunicativa, da capacidade de uso efetivo da língua; e no ensino prescritivo (utilizando a gramática normativa) que será feito, mas sem apresentar certos usos da língua como valores

absolutos relativos a algo que se considera a única forma válida de língua, mas algumas instruções acerca de determinações sociais quando ao uso da língua.

Tendo a visibilidade que ensino só pode ter como fim principal e fundamental o desenvolvimento da **competência comunicativa** já adquirida pelo falante, entendendo-se este desenvolvimento como o possibilitar ao falante utilizar cada vez um maior número de recursos da língua de forma adequada a cada situação de interação comunicativa. Essa adequação tem dimensões várias como:

- a) ser adequado quanto à possibilidade de produzir os efeitos de sentido desejados de modo a atingir os objetivos pretendidos ao dizer;
- b) ser adequado quanto ao atendimento de normas sociais de uso da língua em termos de variedades da língua a serem usadas;
- c) ser adequado quanto ao direcionamento argumentativo;
- d) ser adequado quanto ao atendimento de exigências de naturezas diversas, tais como estética polidez etc. Evidentemente essa opção em termos de objetivo para o ensino de língua materna tem grande relação com a concepção de língua que explicitamos anteriormente.

Travaglia (2003), ainda relata que a gramática tem um papel importante na condição de promover uma boa qualidade de vida, visto que se entende gramática como uma teoria, constituída, por exemplo:

- a) por um conjunto de classificações de unidades lingüísticas e de funções que estas podem exercer na cadeia lingüística;
- b) pela explicitação de relações possíveis entre vários tipos de unidades e de mecanismos de funcionamento da língua e coisas semelhantes; talvez a gramática

tenha pouca coisa a ver com qualidade de vida. Por exemplo, em que melhora a vida de uma pessoa saber dizer qual é o objeto direto, o sujeito de uma frase, dizer se uma palavra é verbo ou substantivo ou pronome? Parece-nos que em nada. Isto serve, quando muito, para um sucesso na avaliação escolar ou para aqueles que têm profissões ligadas à análise da língua.

Por outro lado se entender a gramática não como teoria lingüística, mas como o **conjunto de conhecimentos lingüísticos que** um usuário da língua têm internalizados para uso efetivo em situações concretas de interação comunicativa, então, sem dúvida, a gramática tem tudo a ver com a qualidade de vida, pois quanto mais recursos, mecanismos, estratégias da língua o usuário dominar, melhor desempenho lingüístico terá. Como já foi exposto, as condições de existência sociocultural são grandemente dependentes da língua; assim, quanto mais domínio dos recursos e mecanismos desta tiver, melhor a pessoa se movimentará dentro desta sociedade e, portanto, melhor qualidade de vida terá.

O ensino e aprendizagem da gramática portuguesa deve ser uma espécie de “educação permanente”, visto ser a língua materna o veículo de todos os conhecimentos que a escola proporciona.

Visa-se trabalhar a gramática na dimensão do funcionamento textual-discursivo dos elementos da língua, uma vez que a língua funciona em textos que atuam em situações específicas de interação e não em palavras e frases isoladas em qualquer contexto de comunicação. A perspectiva textual tem a possibilidade de fazer com que a gramática seja flagrada em seu funcionamento, evidenciando que a gramática é a própria língua em uso. Desta forma, a gramática não será somente trabalhada no conhecimento de alguns tipos de unidades e regras da língua restrita aos níveis morfológico (classes de palavras, flexão verbal e nominal e as

categorias que elas expressam: gênero, número, pessoa, tempo, modo, voz e aspecto) e sintático (termos de oração, tipos de orações e períodos, regras de concordância, regência, etc).

O ensino de Língua Portuguesa deve desenvolver a competência comunicativa do falante, isto é, a capacidade de o falante usar cada vez mais recursos da língua e de forma adequada a cada situação de interação comunicativa. Este ensino terá que ser estruturado não como um estudo e trabalho que encara a gramática como uma teoria a ser utilizada em análises lingüísticas. Este ensino será construído sobre uma concepção que vê a gramática como o próprio estudo e trabalho com a variedade dos recursos lingüísticos colocados à disposição do produtor e receptor de textos para a construção do sentido em textos. Portanto, a gramática vista como o estudo das condições lingüísticas da significação.

Mesmo acontecendo tantas distinções mostradas na sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa, e depois de observar casos na sala de aula analisada, na disciplina referida neste artigo científico e com base também nos textos que foram utilizados para a formação deste artigo, afirma-se que: a gramática da língua é uma só; conseqüentemente, cada tipo de atividade no ensino de gramática é na verdade apenas uma forma de chegar até essa gramática da língua com o aluno; por isso, mesmo com freqüência, os professores serão obrigados a usar simultaneamente mais de um desses tipos de trabalhos com a gramática da língua e, finalmente, que a reflexão sobre os fatos da língua é condição básica para o domínio e uso da mesma.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. *A gramática descritiva do português*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2004.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- OLÍVIA, Madre; SILVEIRA, Regina Célia. *A gramática portuguesa na pesquisa e no ensino*. n.º1. São Paulo: Cortez, 1980.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2004.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____ . *Gramática Ensino Plural*. São Paulo: Cortez, 2003.